

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

TRADIÇÕES, MITOS E COSTUMES CHINESES NA LITERATURA DE MACAU EM LÍNGUA PORTUGUESA

Maria Antónia Espadinha

Universidade de São José

Rua de Londres, 16, Macau, China

853 66855857 | maespadinha@usj.edu.mo

Resumo: Aceitando como Literatura de Macau em Língua Portuguesa toda a Literatura nesta língua que reflita a realidade de Macau, o seu espírito e a sua cultura, produzido por naturais do território ou da RAEM, incluindo nessa designação as obras produzidas por filhos de Macau, por autores de língua portuguesa que vivam ou tenham vivido em Macau e ainda os textos produzidos pelos que, tendo apenas passado por Macau, situem nesta Região a acção dos seus textos ou tenham como protagonistas, personagens e locais de Macau. O presente trabalho ocupar-se-á principalmente de obras cujos protagonistas são mulheres que vivem/viviam sob a tutela de uma lei ou de uma moral que condiciona as suas vidas e limita a sua liberdade num mundo que era e, por vezes, ainda é muito dominado por uma filosofia que ignora os mais elementares direitos da mulher. Referiremos essencialmente textos de Deolinda da Conceição, a primeira autora de ficção macaense em língua portuguesa de Maria Ondina Braga e de Henrique de Senna Fernandes

Palavras chave; princípios confucianos, mitos, mulheres chinesas, Macau.

Abstract: We consider Macao Literature in Portuguese all those texts in this language that show the reality of Macau. Its spirit and its culture that have been written by people who were born in Macau or by Portuguese speaking authors. We also include some authors who have been in Macau for a short time but use Macau as the scenario for their stories or have Macau people as leading characters.

We will consider texts the main characters of which are women who lived under the rule of a law or a moral that conditions their lives and limits their freedom in a world that follows a kind of philosophy that ignores the most elementary women's rights. The authors that we will consider are Deolinda da Conceição, the very first Macanese fiction writer, and Henrique Senna Fernandes another Macanese fiction writer in Portuguese and Maria Ondina Braga

Keywords: Confucianism, myths, Chinese women, Macao

Quem lê os autores macaenses ou os autores que vivem ou viveram em Macau e de algum modo se interessaram pela cultura local de matriz chinesa ou pela própria cultura chinesa, deixa-se geralmente surpreender por aspectos que são, naturalmente, tidos por estranhos, absurdos ou exóticos.

Esse estranhamento aplica-se tanto a situações de características positivas como a outras que nos parecem negativas. São, afinal, apenas soluções e atitudes “diferentes”, muitas vezes justificadas como tradição, frequentemente alicerçadas nos princípios confucionistas estabelecidos pelo grande mestre do pensamento chinês há mais de dois mil e quinhentos anos e que encontramos nos livros que nos legou e citados por muitos outros autores.

É abundante a presença destas manifestações culturais, de raiz popular ou erudita, nas obras dos autores macaenses, o que é natural por a comunidade maquista ter convivido muito de perto com a comunidade chinesa de Macau, numerosa e muito dada a práticas tradicionais e a superstições, respeitadora dos princípios confucianos ou tendo, pelo menos, alguma relação com eles.

Falaremos aqui de usos e costumes, de tradições, de superstições e alguns rituais...

Para ilustrarmos estas ocorrências, daremos exemplos de textos de autores macaenses ou de outros autores de língua portuguesa que incluímos num *corpus* a que se vem chamando de “Literatura de Macau em Língua Portuguesa”.

Começaremos por falar das superstições, acerca das quais Luís Gonzaga Gomes¹, depois de se ter referido à tendência do género humano para crenças e práticas supersticiosas, diz:

Mas, em parte alguma do vasto orbe terráqueo, as superstições adquiriram tão grande desenvolvimento como na milenária China, onde, não obstante o grande progresso dos últimos tempos, ainda são conservados os vestígios das suas velhas crenças e retidas certas observâncias que não conseguiram ser erradicadas pelo iconoclatismo modernista.

Uma das manifestações mais frequentes da superstição entre os chineses, e não só, é o uso de amuletos, ou seja, de objectos de vários tipos que supostamente trazem boa sorte a quem os possui e de alguma forma protegem do mal e até da doença aqueles que os usam, quer, como ornatos ou adereços de vestuário, quer como decoração (interior ou exterior) das suas casas.

¹ Luís Gonzaga Gomes. 1907-1976. Natural de Macau. Sinólogo, tradutor, Professor, autor de numerosos estudos relativos a Macau e à cultura Chinesa

O que nos parece mais estranho e exótico é o tipo de amuletos que Luís Gonzada Gomes classifica como “macabros’ os *ku-iôk*,

*macabras lascas de jade artisticamente trabalhadas, que, devido ao seu longo contacto com os cadáveres com os quais foram conjuntamente sepultados, se impregnaram de várias tonalidades.*²

Contudo, o autor acrescenta:

Mas nem todos podem dar-se ao luxo de adquirir estes feitiços que, pela sua raridade e estimação são considerados como objectos de grande valia

No conto “ A Morta”, de Maria Ondina Braga³, encontramos uma estória que teria sido contada `a naradora, em dia de tufão, por uma colegachinesa, Mei-Lai, no colégio onde ambas eram professoras. Melancólica, Mei Lai , diz:

Dia de tufão é dia de morte. Morrem árvores, morrem bichos, morre gente. Ha dez anos, num dia como este, morreu a minha avó. (...)

E Mei-Lai começa a falar da avó, que tivera uma vida extremamente sacrificada , que criara dez filhos para a riqueza, sempre pobre para sempre, ela mesma. Tentara fugir da revolução, para Macau com os membros da família que lhe restavam,. A travessia do rio fora tentada em noite de tufão e a avó acabaria por morrer `a vista de Macau. O cadáver fora tratado com todos os preceitos, mas o importante era trazê-lo para Macau e dar-lhe sepultura, o que fizeram, tratando-o com ervas aromáticas e enfiando-lhe no dedo o mais precioso dos seus anéis,

O mais precioso, de ouro e jade... Sete anos depois o cadáver fora exumado. Agora Mei-Lai exhibia, no dedo do meio, o precioso (agora mais precioso) anel que a avó “usara” durante sete anos debaixo da terra.

No conto “Os bons Fantasmas”⁴, Senna Fernandes traz até nós um outro aspecto. Trata-se de uma estória relacionada com uma casa que a família do narrador autodiegético foi habitar. Era considerada por toda a gente, uma casa assombrada, habitada por fantasmas no rés do chão. Na verdade os inquilinos pouco tempo conseguiam habitá-la. A família do narrador, pai, mãe, irmãos e uma empregada doméstica resistem, mas o medo instala-se entre eles. Apenas o pai não acredita, ignora mesmo a situação. Finalmente a mãe, católica fervorosa, consegue que um sacerdote exorcise a casa e a paz de espírito volta a imperar. O Pai, contudo, continuou a “ ignorar” tudo o que se passara.

² Luís Gonzaga Gomes. Chinesices. P. 151.

³ Maria Ondina Braga .1932-2003 Escritora portuguesa. Viveu cerca e cinco anos em Macau.

⁴ Henrique de Senna Fernandes. Mong-Há. Contos.

Feng-shui/Fung- sói/ Fông-sôî

Este conceito, ou princípio, que se refere `a geomancia, aparece com estas diferentes grafias. Adoptaremos aqui a escolhida por Luís Gonzaga Gomes, por ser ele o primeiro estudioso macaense da cultura chinesa. Usaremos pois, a forma *fông-sôî*.

*O fông-sôî exige o máximo cuidado na escolha dos locais destinados `a construção de casas e túmulos, devendo ser abandonado todo e qualquer sítio por mais deleitável que seja `a vista, uma vez que se verifique que ele não se encontre numa das veias do dragão, o lông-mak (pulso do dragão) que forma a invisível rede que envolve a superfície terráquea. (...)*⁵

L.G. Gomes alonga-se em em considerações sobre o fenómeno sociológico que o *fông-sôî* representa e sobre a aceitação que tem por parte de todas as classes sociais, até por parte de pessoas “ilustradas”.

Menciona o autor exemplos de situações em que o geomante, mestre de *fông sôî*, representa um importante papel na determinação do lugar e na orientação de uma construção. (Pensamos que seria interessante saber como L.G.Gomes teria reagido se tivesse podido veificar a importância que, em países desenvolvidos, é hoje dada aos princípios do *fông sôî*, tanto no que se refere à localização e orientação do edifício como no que respeita à colocação do mobiliário em cada divisão da casa.

Uma ideia generalizada é que a casa com bom *fông-sôî* protege os seus proprietários e também a eventuais locatários. Esta ideia está bem ilustrada no romance *A Trança Feiticeira*, de Henrique de Senna Fernandes, uma deliciosa e ingénua estória de amor , onde se derrotam preconceitos e desigualdades sociais.

Adozindo,o belo Adozindo, jovem macaense de boa família, frívolo, pouco trabalhador, galã rodeado por uma corte de admiradoras apaixona-se por uma bea e humilde aguadeira, A- Leng. A jovem irá convrter-se ao critianismo e o casamento será celebrado na igreja. A família cresce e precisa de encontrar uma casa maior e, claro, com bom *fông-sôî*. Encontrada a casa,a proprietária, macaense, católica, não está disposta a alugá-la. Pretende vendê-la A- Leng explica então à senhora que a sua mãe adoptiva, chinesa,considerava ser arriscado cercear-se a boa sorte. A casa que A-Leng e Adozindo tanto desejavam habitar tinha um bom *fông-sôî*, ventos

⁵ Luís Gonzaga Gomes. *Chinesices*. P. 103.

propícios de felicidade e fortuna”pela sua posição em relação ao sol, aos ventos e à paisagem aberta “e por dispôr deüma certa aragem que encanava em angulo determinado da muralha e descia, como uma benção, directamente sobre a casa”. E explicou que o proprietário de uma casa assim continuaria a sê-lo, se a alugasse. Vendendo-a, perderia a sua boa sorte.

Impressionada, a proprietária da casa chamou a atenção de A-Leng para o facto de a sua religião, a católica, não permitir superstições, ao que A- Leng retorquiu prontamente:

Haverá alguém nascido ou que tenha vivido muitos anos aqui, nestas paragens, que não acredite no fông-sôï? Deve ser raro E, acrescentou, eu não possuo instrução, mas penso muito. A religião não prejudica o fông-sôï. Creio até que o fông soi é uma dádiva da Divindade.⁶

E A-Leng conseguiu que que a casa lhe fosse alugada. A verdade é que existem ainda hoje casas em Macau cujos donos há muito que não vivem no território, mas que as mantêm para conservarem o bom *fông-sôï*, que há-de continuar a protegê-los.

Costumes e tradições. Rituais referentes ao casamento.

É também em Luís Gonzaga Gomes que encontramos informações mais pormenorizadas sobre os preceitos e rituais do casamento chinês, muito embora o autor não lhe dedique um capítulo especial, antes se lhe refira em outros capítulos. No seu livro *Chinesices*, há um capítulo , “Casado duas vezes com a mesma mulher” onde encontramos alguma informação. Contudo é no capítulo “Piedade Filial que essa informação se completa”.

Os vários momentos e rituais do casamento, incluindo a intervenção da casamenteira, aparecem representados em contos de Deolinda da Conceição e de Henrique de Senna Fernandes. Este apresenta-nos, como atrás referimos, o casamento católico da chinesa A-Leng, Ana pelo baptismo, com o macaense Adozindo. Num outro romance,, Senna Fernandes apresenta uma caricatura do casamento chinês com a chegada do noivo a casa da noiva (num verdadeiro casamento chinês a noiva é levada a casa do noivo que se encontra entronizado num palanquim, de onde desce para a receber). Francisco (Chico) Frontaria chega,

⁶ H Senna. *A Trança Feiticeira*.. P.155

anunciado por um rebentar de panchões, um estardalhaço dum gonzo chinês Pífaros, numa cadeirinha aberta, forrada de azul e vermelho e ladeada de lacaios, jaqueta azul e cabaia vermelha. Era um quadro carnavalesco”⁷

A interferência dos pais no casamento tradicional é decisiva, sendo o enlace tratado quase exclusivamente por eles através da “casamenteira”. Muitas vezes os noivos não se conheciam e só se encontravam pela primeira vez no dia do enlace.

Um costume que ainda se mantém é a cerimónia do chá, na qual a noiva serve a bebida aos futuros sogros, perante toda a família. A sogra, ao aceitar o chá, aceita e abençoa o casamento.

Algo de semelhante acontece no conto “O Novo Ano de Cam Mui”⁸. A jovem Cam Mui, em face da má situação financeira da sua família, aceita um lugar de perceptora de um menino, orfão de mãe, à qual se dedica de alma e coração. Na festa de Ano Novo Chinês, quando ia receber do patrão, pai do seu pupilo, o tradicional *lai-si* que era oferecido a todos os empregados, é surpreendida por lhe ser entregue uma chávena de chá que deverá ir entregar à mãe do patrão, o que equivale a um pedido de casamento, ao qual a futura sogra, sorridente assentiu prontamente.

A piedade Filial

Este é um dos mais importantes princípios de acordo com os quais os chineses orientam as suas vidas.

Luís Gonzaga Gomes menciona pormenorizadamente a fundamentação destes preceitos no *Lai Kei*, código da pragmática chinesa, do qual cita: ‘há três mil faltas sobre as quais se podem aplicar as cinco penas capitais, porém, nenhuma excede em gravidade a da ausência do amor filial’.

A prática destes deveres é também recomendada expressamente por Confúcio, e a leitura do *Clássico da Piedade Filial*⁹ é recorrente na formação dos jovens chineses.

O culto dos antepassados, que os chineses prezam e observam, é também uma prática ligada à Piedade Filial.

Luís Gonzaga Gomes cita, a propósito Mêncio, que dizia: “se todos os homens estimassem os seus progenitores e respeitassem os seus superiores, o mundo

⁷ H Senna Fernandes, Amor e Dedinhos de Pé. P.54

⁸ Deolinda da Conceição. Cheong-Sam. A Cabaia. P.93

⁹ O Famoso *Xiaojing*, Pequeno tratado importante do confucionismo

viveria em sossego”¹⁰ e cita, do *Lai Kei*: “o nosso corpo foi-nos legado pelos nossos pais, atrever-se-á, portanto, alguém a ser irreverente no emprego de uma dádiva tão preciosa?”¹¹ Neste capítulo, Luís Gonzaga Gomes apresenta uma profunda reflexão sobre os vários aspectos da Piedade Filial.

As manifestações deste princípio que se encontram mais directamente ligadas às questões do casamento, referem-se principalmente ao dever de obediência à vontade dos pais. Essa obediência pode traduzir-se na aceitação de um casamento imposto por eles ou na renúncia ao amor por a escolha do coração do/a jovem não ser do agradodeles..Muitos são os exemplos deste tipo de situações e da presença de elementos tradicionais, superstições e crenças chinesas que encontramos na literatura de Macau, muito especialmente nos contos de Deolinda da Conceição. Em “O Refúgio da Saudade”¹² a autora apresenta-nos uma estória exemplar, de uma jovem chinesa de família abastada que correspondeu ao amor de um jovem ocidental, com o qual queria casar. Os pais da jovem tudo fizeram para a dissuadir, o que finalmente conseguiram. A jovem pediu apenas para a deixarem despedir-se do seu amado, com a promessa de que nunca mais voltaria a vê-lo. Após o encontro, no jardim da mansão de família, a jovem dirigiu-se para o seu quarto. Na manhã seguinte foi encontrada morta, com um frasquinho de comprimidos entre os dedos. Sobre a mesa de cabeceira encontrava-se um cartão com as palavras “Cumprida a minha promessa”.

Contudo, num outro conto da mesma autora, “Uma Profecia que não se realizou”, a jovem Mei Fong, de 18 anos, renuncia ao seu amor para obedecer ao qual um adivinho amigo profetizara que ela devia morrer para casar, no Além, com uma Divindade que a desejava. Anunciado pelo adivinho o dia do enlace fúnebre, Mei Fong, linda como nunca, envergando o traje tradicional das noivas chinesas, uma cabaia vermelha bordada a ouro, despediu-se dos pais e deitou-se, disposta a adormecer para sempre. Contudo, a Divindade tê-la-á libertado do seu “dever”. Mei Fong acordou saudavel e alegre, e pôde desposar o eleito do seu coração.

A Piedade Filial está também presente em contos de H. Senna Fernandes “A Vingança de um China Rico” e um exemplo perfeito da catástrofe a que pode levar a obediência extrema..

¹⁰ Luís Gonzaga Gomes. *Chinesices*. P.66

¹¹ *Idem*. *ibidem*

¹² Deolinda da Conceição *op.cit*, p.59

Numa nota mais otimista, voltamos a *A Trança Feiticeira* e assistimos a um final verdadeiramente feliz. Adozindo, o filho desprezado e deserdado por não ter obedecido ao pai que lhe “exigia” um bom casamento, ainda que sem amor, e ter seguido e casado com a sua bela e amada aguadeira, encontra o Pai, que tenta uma aproximação, enternecido pela presença dos netos. Não há pedidos de perdão: apenas um filho que pede a benção do pai e lhe apresenta as crianças e depois o convida a ir até sua casa, onde A-Leng, a nora humilhada, desprezada e ofendida, abre a porta e diz simplesmente:

- *Entra Pai. Está em sua casa.*

Elementos tradicionais

Faremos ainda uma breve referência aos elementos tradicionais, costumes e profissões tradicionais que aparecem referidos nos vários textos destes autores.

Para além de Maria Ondina Braga, uma outra autora portuguesa viveu largos anos em Macau e rouxe a lume alguns desses aspectos, nomeadamente a situação de inferioridade da mulher na cultura tradicional chinesa, que é ainda hoje visível em alguns meios sociais de Macau. O conto “Sai Kuá”, de Fernanda Dias, apresenta-nos uma deambulação pela cidade e o diálogo mantido por um casal. A mulher (ocidental) carrega, a contragosto, um saco de plástico com uma grande melancia, seguindo submissamente o seu senhor oriental, o seu companheiro chinês.

Quanto às profissões, recordarei:

- A tancareira_ protagonista do Conto “A-Chan, a Tancareira “ de H. Senna Fernandes;
- A aguadeira, personagem que abastecia de água as casas macaenses e que é representada por A-Leng, protagonista do romance *A Trança Feiticeira*, da qual já falámos;
- A penteadeira, que penteava e entrançava os longos cabelos das outras mulheres;
- O homem do riquezaó, eternizado no conto “O homem do Sam-Lun-Ché” de Maria Ondina Braga¹³
- Os Tim-Tins
- As Cantadeiras, admiravelmente representadas pela bela Peipa-Chai do conto “Chá com Essência de Cereja”¹⁴

¹³ Maria Ondina Braga. *A China Fica ao Lado*. Contos.

¹⁴ H Senna Fernandes. *Nam Van. Contos de Macau*.

Bibliografia:

- BRAGA, Maria Ondina. *A China Fica ao Lado*. Contos. Instituto Cultural de Macau. 1981.
- CONCEIÇÃO, Deolinda da. *Cheong -Sam. A Cabaia*. Instituto Internacional de Macau. 2007.
- DIAS, Fernnanda. *Dias da Prosperidade*. Contos Instituto Cultural de Macau. 1998.
- FERNANDES, Henrique de Senna. *Nam Van*. Contos. Instituto cultural de Macau. 1997.
- FERNANDES, Henrique de Senna. *Mong-Há*. Contos. . Instituto cultural de Macau. 1992.
- FERNANDES, Henrique de Senna. *Amor e Dedinhos de Pé*. . Instituto cultural de Macau.
- FERNANDES, Henrique de Senna. *A Trança Feiticeira*. . Fundação Oriente.1Macau. 1993.
- GOMES, Luís Gonzaga. *Chinesices*. Instituto cultural de Macau. 1994.